

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas 2



 **Atena**
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-293-7

DOI 10.22533/at.ed.937192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, socializando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados e distribuídos nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem por objetivo, apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Neste 2º volume, reuni o total de 24 artigos que dialogam com o leitor sobre temas que envolvem direito e educação, direito social, currículo escolar, desafios gerenciais, gestão de segurança, trabalho e saúde, relatos de experiência, tecnologias, homofobia, educação especial e “jovens rurais”. São temas diversos que propõe um olhar mais amplo dentro das possibilidades das Ciências Sociais Aplicadas.

Assim fechamos este 2º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO PERMANENTE DOS PROFISSIONAIS DE SERVIÇO SOCIAL À LUZ DA NORMA OPERACIONAL BÁSICA DE RECURSOS HUMANOS DO SISTEMA ÚNICO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL	
Nilsen Aparecida Vieira Marcondes Elisa Maria Andrade Brisola Edna Maria Querido de Oliveira Chamon	
DOI 10.22533/at.ed.9371926041	
CAPÍTULO 2	21
A ESCOLA E A EDUCAÇÃO DE MENINAS NA PERSPECTIVA DE MARY DASCOMB	
Jamilly Nicácio Nicolete	
DOI 10.22533/at.ed.9371926042	
CAPÍTULO 3	34
A PROMOÇÃO DO DIREITO SOCIAL À EDUCAÇÃO DECOLONIAL PELA ESCOLA DE SAMBA BEIJA FLOR DE NILÓPOLIS NO DESFILE DE 2018: CRÍTICA LITERÁRIA E SOCIAL	
Aline Lourenço de Ornel Andreia Lourenço de Ornel	
DOI 10.22533/at.ed.9371926043	
CAPÍTULO 4	49
APONTAMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO NO ATUAL CONTEXTO BRASILEIRO E O CURRÍCULO ESCOLAR	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.9371926044	
CAPÍTULO 5	61
CAPITAL INTELECTUAL COMO FATOR PARA OBTENÇÃO DE VANTAGENS COMPETITIVAS	
Danilson Costa do Nascimento Gilson Scholl Pires	
DOI 10.22533/at.ed.9371926045	
CAPÍTULO 6	69
CURRÍCULO E RESISTÊNCIA: MEDITAÇÃO E PRÁTICAS ORIENTAIS NA ESCOLA	
Kátia Batista Martins Julia Salido Alves Paula Negreiros de Azeredo	
DOI 10.22533/at.ed.9371926046	
CAPÍTULO 7	81
DESAFIOS GERENCIAIS DO SISTEMA DE SAÚDE DA MARINHA CONSIDERANDO O NOVO REGIME FISCAL, O AUMENTO DA EXPECTATIVA DE VIDA E A VARIAÇÃO DE CUSTOS MÉDICO-HOSPITALARES	
Jefferson Davi Ferreira dos Santos Murilo Mac Cord Medina	
DOI 10.22533/at.ed.9371926047	

CAPÍTULO 8	100
DESCOBRINDO A SI MESMO: COMO A IMAGEM CORPORAL CONTRIBUI PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA?	
Camila Ribeiro Menotti	
DOI 10.22533/at.ed.9371926048	
CAPÍTULO 9	106
EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NAS ESCOLAS EM PORTUGAL: ANÁLISE DOCUMENTAL SOBRE SUA TRAJETÓRIA E SUAS AÇÕES	
Ana Cláudia Bortolozzi Maia Teresa Vilaça	
DOI 10.22533/at.ed.9371926049	
CAPÍTULO 10	120
FERRAMENTAS E TÉCNICAS DE GERENCIAMENTO DE PROJETOS APLICADAS NA GESTÃO DA SEGURANÇA E SAÚDE DO TRABALHO NA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL	
Ana Lúcia Andrade Tomich Ottoni Altamir Fernandes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.93719260410	
CAPÍTULO 11	138
GENERIFICAÇÃO PATRIARCAL: DISTINÇÃO E GÊNESE SÓCIO-HISTÓRICA DO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	
Ana Tereza da Silva Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.93719260411	
CAPÍTULO 12	154
JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO	
Roseane de Aguiar Lisboa Narciso	
DOI 10.22533/at.ed.93719260412	
CAPÍTULO 13	166
O CONSUMO DE STATUS E SUA RELAÇÃO COM A FELICIDADE SOB A ÓTICA DE ALUNOS DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR	
Alexandre Cappellozza Glauco Carvalho Campos Maria da Conceição Medeiros Raquel Teixeira Vianna de Paula Rogério Teixeira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.93719260413	
CAPÍTULO 14	179
O CUIDADO INDIVIDUALIZADO AO PACIENTE HOMOSSEXUAL PORTADOR DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Alexia Camargo Knapp de Moura Juliana de Paula Teixeira Karen Domingues Gonzales Lílian Moura de Lima Spagnolo	
DOI 10.22533/at.ed.93719260414	

CAPÍTULO 15	194
O IMPACTO DA GESTÃO DE SAÚDE E SEGURANÇA DO TRABALHO NA SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL	
Paula Zanforlin Camargo	
Ana Beatriz Pereira	
Eliane Cristina de Antonio	
DOI 10.22533/at.ed.93719260415	
CAPÍTULO 16	200
O SILENCIAMENTO DA ESCOLA FRENTE A HOMOFOBIA	
Helder Júnio de Souza	
Adla Betsaida Martins Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.93719260416	
CAPÍTULO 17	213
REFLEXÕES SOBRE A GESTÃO DEMOCRÁTICO-PARTICIPATIVA NA ESCOLA PÚBLICA	
Andrea Oliveira D'Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.93719260417	
CAPÍTULO 18	223
REFLEXÕES SOBRE CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.93719260418	
CAPÍTULO 19	228
ROUSSEAU: A CUMPLICIDADE ENTRE NATUREZA E PATRIARCADO NA EDUCAÇÃO DE SOFIA	
Letícia Machado Spinelli	
DOI 10.22533/at.ed.93719260419	
CAPÍTULO 20	240
TECNOLOGIAS MÓVEIS: OS IMPACTOS NA INTERAÇÃO SOCIAL E NO PROCESSO COMUNICACIONAL	
Briza Martins	
Guilherme Juliani de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.93719260420	
CAPÍTULO 21	252
TRANSFORMAÇÃO ORGANIZACIONAL EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PRIVADA COM O USO DA SOFT SYSTEM METHODOLOGY (SSM): RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Patricia Rodrigues Miziara Papa	
Valéria Tomas de Aquino Paracchini	
Dyjalma Antonio Bassoli	
Thiago Henrique de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.93719260421	
CAPÍTULO 22	268
UM MODELO TÁTIL DA TABELA PERIÓDICA: O ENSINO DE QUÍMICA PARA ALUNOS CEGOS NUM CONTEXTO INCLUSIVO	
Sandra Franco-Patrocínio	
Jomara Mendes Fernandes	
Ivoni Freitas-Reis	
DOI 10.22533/at.ed.93719260422	

CAPÍTULO 23	278
UMA EXPERIENCIA DE INTEGRAÇÃO ENTRE FACULDADE DE TECNOLOGIA E EMPRESA GERANDO PROJETOS DE MELHORIA NA FORMAÇÃO DO TECNOLOGO	
Anna Cristina Barbosa Dias de Carvalho	
Luciano José Dantas	
Fabio Conte	
Elaine Cristine de Souza Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.93719260423	
CAPÍTULO 24	288
VISIBILIDADE DE JOVENS RURAIS: “ACREDITO É NA RAPAZIADA”	
Ana Maria do Nascimento	
Ercília Maria Braga de Olinda	
DOI 10.22533/at.ed.93719260424	
CAPÍTULO 25	303
O CONTRABANDO DE CIGARROS NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI	
Amanda Caroline Schallenberger Schaurich	
Andressa Braga da Silva	
Graziele Aparecida Carneiro Wille	
Lucimara Fátima de Macedo Savitraz	
Carla Liliane Waldow Esquivel	
DOI 10.22533/at.ed.93719260425	
SOBRE O ORGANIZADOR	307

VISIBILIDADE DE JOVENS RURAIS: “ACREDITO É NA RAPAZIADA”

Ana Maria do Nascimento

Secretaria Municipal de Crato
Crato- CE

Ercília Maria Braga de Olinda

Universidade Federal do Ceará- UFC
Fortaleza- CE

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar o Grupo Urucongo de Artes, analisando as dimensões de politicidade e empoderamento decorrentes das práticas de educação popular, vivenciadas na comunidade rural Chico Gomes, localizada na Chapada do Araripe (Ceará). Ao darmos visibilidade aos jovens, caminhamos na contramão dos discursos que os colocam como principais responsáveis pela violência no país. O grupo foi pensado a partir do seu contexto e da necessidade de preservação das tradições artístico-culturais, numa perspectiva transgeracional. Seus membros são filhos de agricultores, que enfrentam problemáticas tais como: alto índice de desemprego; superexploração da mão de obra; instabilidade trabalhista e a falta de terra. As “situações limites” evidenciadas neste contexto, fazem com que os jovens criem “atos limites” que permitam o “inédito viável”. A partir da apreensão dos problemas sociopolíticos e existenciais, pensaram na criação de um grupo que lutasse pelo desenvolvimento da cidadania,

valorizando o saber tradicional. Na análise das narrativas produzidas coletivamente no Círculo Investigativo Dialógico, tomamos como referência teórica o pensamento de Paulo Freire, articulando-o com autores da sociologia da juventude. A pesquisa evidenciou: a existência de estratégias de resistência e de comunicação pela via da educação da sensibilidade; as práticas potencializam o processo de formação e empoderamento de si e de seus pares. O Urucongo é um espaço formativo mediado pelo trabalho coletivo. Mostrou, ainda, que existem juventudes rurais comprometidas com seu território e com a preservação de sua cultura e que nem todos os jovens querem sair do campo. **PALAVRAS-CHAVE:** Juventude rural. Educação popular. Politicidade. Empoderamento. Artes.

ABSTRACT: The aim of this article is to present the Urucongo Grupo de Artes, analyzing the dimensions of politicity and empowerment of its popular education practices, lived in the Chico Gomes rural community, located in the Chapada do Araripe (Ceará). By giving visibility to them, we walk against the speeches that put them as the main responsible for the violence in the country. The group was thought from its context and the necessity to preserve the artistic-cultural traditions, in a transgenerational perspective. Its members are children of farmers, who face problems such as: high unemployment;

overexploitation of labor; labor instability and landlessness. The “limiting situations” evidenced in this context, induce young people to create “limiting acts” that enable the “viable inedited”. From the apprehension of socio-political and existential problems, they thought about the creation of a group that could fight for the development of citizenship, valuing the traditional knowledge. In the analysis of the narratives produced collectively in the Dialogical Investigative Circle, we take as theoretical reference from the thought of Paulo Freire, articulating it with authors of the sociology of youth. The research evidenced: the existence of strategies of resistance and communication through the education of sensitivity; the practices enhance the process of training and empowering themselves and their peers. Urucongo is a formative space mediated by collective work. It also showed that there are rural youths committed to their territory and the preservation of their culture and that not all young people would like to leave the countryside.

KEYWORDS: Rural young people. Popular education. Polity. Empowerment. Arts

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte da tese defendida pela primeira autora (NASCIMENTO, 2018) e orientada pela segunda. Sua temática insere-se na interface entre a Educação Popular e a Sociologia da Juventude. O *lócus* da investigação foi a comunidade rural do Sítio Francisco Gomes localizada na cidade de Crato- CE. Teve as seguintes questões norteadoras: como as práticas artístico-culturais desenvolvidas pelos jovens rurais do Grupo Urucongo de Artes podem potencializar processos de (tran)sformação para si e para a comunidade? Como os jovens interpretam e ressignificam as ações desenvolvidas por eles? Nosso **objetivo geral** é compreender, a partir das narrativas tecidas coletivamente, as dimensões de politicidade e de empoderamento decorrentes das atividades desenvolvidas pelo grupo anteriormente citado.

Os fundamentos e procedimentos da investigação circunscrevem-se no universo da pesquisa qualitativa, mais especificamente da pesquisa (auto)biográfica em educação. Para a produção das narrativas, realizamos o Círculo Investigativo Dialógico (CID), técnica de pesquisa inspirada no Círculo de Cultura da tradição de educação popular freireana e do Círculo Reflexivo Biográfico (CRB) teorizado e praticado no Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas, coordenado pela segunda autora (OLINDA, 2010). No CID, tivemos um total de oito encontros, envolvendo sete jovens, que fizeram um balanço de suas experiências formadoras no Grupo Urucongo de Artes.

O sítio Francisco Gomes, é uma comunidade rural localizada a 9 km do centro da cidade do Crato. Esta, fica a 560 km da Capital cearense, Fortaleza Segundo relato oral feito por moradores da própria comunidade, os primeiros habitantes desta localidade eram indígenas. Com a colonização do sul cearense iniciada a partir de 1800, muitos engenhos de cana de açúcar foram se estabelecendo na região do Cariri,

e no “Chico Gomes” não foi diferente. Os engenhos se fixaram nessa região por conta da fertilidade da terra e da abundância de mão de obra barata.

Na comunidade investigada, a vida vai virando arte, e vai ganhando vida. Hoje, seus moradores ainda não desconhecem as dores da exploração, mas reconhecem outras linguagens apresentadas pelos jovens. Formas e símbolos de resistência presentes nas artes e vividas na vida cotidiana, nas cenas do trabalho juvenil. Os sons das enxadas se transformam em músicas nos tambores tocados por eles. O engenho de cana-de-açúcar e o trabalho duro são dramatizados nas cenas poéticas de imagens juvenis. A agricultura sofrida de seus pais se transforma em leveza na obra da “mandala produtiva” - sistema de plantação em forma de círculos - trazida pela ação da juventude. Colaborativamente a comunidade foi ganhando outros contornos, conhecendo e vivenciando outras histórias, apresentando e apreendendo outras palavras. Antes: engenho, vacaria, eito, feitor. Hoje: Urucongo, mandala, juventude, arte, vida.

A partir do trabalho realizado pelo Grupo Urucongo de Artes, a educação popular se revigorou, mostrando novos caminhos de resistência a exigir sistematização e registro. A relevância da temática se destaca, principalmente, se considerarmos os riscos pelos quais estão expostas as juventudes no contexto atual, e a fala negativa da mídia sobre este segmento. Nossas elaborações mostraram que o Grupo Urucongo de Artes realiza atividades que potencializam novos saberes e uma cultura de defesa e respeito aos direitos humanos. Neste processo há resistência e empoderamento que colaboram na formação juvenil numa perspectiva emancipatória, tendo muito a nos ensinar.

É neste sentido, que apontamos o papel da universidade e a convidamos a favorecer as condições para sistematização de reflexões sobre as práticas de formação, existentes nas comunidades populares, considerando a ecologia dos saberes. Santos (2006) a define como um conjunto de epistemologias contra-hegemônicas, assentadas em dois pressupostos: não há epistemologias neutras, e as epistemologias devem incidir não nos conhecimentos abstratos, mas nas práticas de conhecimentos e seus impactos nas práticas sociais. Para o autor, é necessário reconhecer e vivenciar o diálogo horizontal entre os conhecimentos. Buarque (1986, p. 32) revela que “existem outras formas de conhecimento surgidas da prática de pensar e de agir dos inúmeros segmentos da sociedade ao longo de gerações, que por não ser caracterizadas como científicas, são desprovidas de legitimidade institucional”.

Na sequência, apresentamos um pouco da história do grupo focado. Para o levantamento dos dados trabalhamos com a técnica da “entrevista fotonarrativa” (OLINDA, 2009) envolvendo os relatos orais de três membros fundadores do grupo. O suporte para a tessitura das narrativas veio de fotografias por eles selecionadas e que registram momentos marcantes vivenciados na trajetória do grupo. Nos relatos identificamos as mudanças de concepção nas atividades realizadas, além de destacarmos sua dimensão político-pedagógica e humanizadora.

2 | URUCONGO EM NOME DA ARTE E DA VIDA

O Grupo é uma articulação de jovens rurais que habitam a Comunidade já citada. Realiza atividades artísticas e culturais como estratégia para a melhoria das condições de vida das juventudes oriundas do sopé da Chapada do Araripe. Institucionalmente o grupo ainda não foi registrado de forma independente. É, atualmente, braço social da Associação Comunitária de Moradores do Chico Gomes.

Esta articulação de jovens se iniciou em 2001, com a fundação da *Quadrilha Coisas do meu Sertão*, movimento que, através da dança junina, provocou a discussão de diversos temas na comunidade e na região do Cariri cearense com espetáculos temáticos tais como: *Retirantes*, *Revolução*, *Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, *Casamento de Negros no Arraiá Quilombola*, *60 anos de flona*, *Sertão Sustentável*, dentre outros.

Os jovens se organizavam e montavam o espetáculo a partir dos estudos temáticos. Neste sentido, a representação da quadrilha não se caracterizava em apenas uma dança, mas principalmente em um fato histórico problematizado e contado através da arte. Um ano após a organização da quadrilha, participaram do festival de quadrilhas juninas na Cidade de Crato- CE, apresentando como tema *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*. Logo que chegavam às quadras, chamavam a atenção por suas características peculiares, pois em suas manifestações, apresentavam não apenas uma dança junina, mas traziam um espetáculo particular, sempre com um viés crítico e reflexivo.

Em 2006, chegaram à conclusão que não deveriam continuar alimentando o espírito de competição vivenciado até então. Acreditavam que seu trabalho deveria ter objetivos mais amplos a exigir nova forma de organização. Daí surgiu o Grupo Urucongo de Artes, que embora tenha nascido em 2006 se configura verdadeiramente em 2008. Os jovens começaram a perceber a sua “vocação ontológica para ser mais”. Em Freire (2011), temos a compreensão de que existir implica na capacidade de assumir a condição de sujeito da história. A educação libertadora é, portanto, caminho para a constituição de subjetividades autônomas. Os jovens compreenderam, assim como diz Freire, que o destino não é algo dado e reinventaram sua história a partir de atividades que encaminharam a luta pela humanização, problematizando as situações presentes, anteriormente dadas como “destino certo”.

Decidiram reavaliar a forma de caminhar, já que se reuniam apenas nos períodos que antecediam os festejos juninos. Assim, passaram a discutir outras questões inerentes à comunidade, tais como: acesso à terra, à água, segurança alimentar, revitalização da cultura local e regional, melhores condições de trabalho, condição de vida juvenil, entre outros temas.

O primeiro desafio foi escolher o nome para o grupo, no caso, Urucongo. Este nome representa para eles o resgate do movimento cultural que acontecia na comunidade antes da chegada do latifúndio. Urucongo é um nome que não é

encontrado nos dicionários tradicionais, mas que está vivo na memória popular, pois remete ao berimbau, instrumento tocado nas rodas de capoeira. O gingado festivo e lutador diz muito da inspiração do Grupo Urucongo de Artes.

De acordo com Manoel Leandro, o Urucongo nasceu espontaneamente com as quadrilhas Juninas e foi se materializando a partir da escuta dos mais velhos da comunidade. Com Bergson (1999, p. 77) apontamos a importância da memória para a criação do grupo pois ela é “[...] inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única [...] no intercalar de momentos múltiplos da duração podemos perceber “[...]a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela”.

Os jovens buscaram a partir de uma pesquisa com os seus ancestrais capturar saberes e fazeres do cotidiano daquela população rural, de modo a restituir um conhecimento esquecido e pouco valorizado. Aranha (2000) revela que pensar o passado não é um exercício de saudosismo, curiosidade ou erudição, pois o passado não está morto, porque nele se fundam as raízes do presente. Contudo, é em Pimenta (2000, p.59) que encontramos a seguinte afirmação: “a memória que, analisada e refletida, contribuirá tanto para a elaboração teórica, quanto para o revigoramento e o engendrar de novas práticas”. O Urucongo recorre à memória do seu povo para elaborar e revigorar suas práticas culturais

Percebemos que os jovens do Grupo Urucongo têm desenvolvido papel importante no processo de “desocultamento”, ou seja, desvelar, revelar a ideologia arditosamente escondida nas mensagens de poder, sejam elas orais, escritas ou imagéticas. Em Freire (2011), reconhecemos que para perceber essas nuances ocultas precisamos estimular a nossa “curiosidade epistemológica”. Ao observarmos as ações dos jovens, parece-nos que eles têm papel importante no desvelamento da história da cultura local: os tambores ganham sons no sopé da serra do Araripe e a cultura do povo ganha vida na voz e no corpo juvenil.

O grupo que teve início com quase 50 membros, mudou suas expectativas e objetivos. Neste processo, muitos deixaram o grupo: uns pelo fato de terem que sair para trabalhar, outros porque casaram e não quiseram permanecer, e outros, ainda, porque não se identificaram com a nova proposta. Assim, o Urucongo foi reduzido a aproximadamente 14 jovens comprometidos, de fato, com a mobilização social. Atualmente, este não é um número fechado. Como a maioria dos grupos de jovens, há certa mobilidade, mas alguns deles permanecem no grupo desde seu nascimento com a quadrilha Junina em 2001. A mobilidade juvenil é expressa por Pais (2001, p.58) na “metáfora do ioiô”, no movimento de idas e vindas em busca de realizações: “[...] os jovens sentem a sua vida marcada por crescente inconstância, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém [...]”

Experimentando e experienciando, o grupo foi conquistando seu espaço no mundo. Em 2009, foi contemplado com o prêmio “Culturas Populares” do Ministério da Cultura, viabilizando a compra de um terreno nos arredores da comunidade. A compra

desse terreno impulsionou o trabalho de “Mandala produtiva”.

A partir das apreensões dos problemas existenciais, a vida passou a ser problematizada através da arte. A dança e a poesia são atividades artísticas culturais presentes na vida dos jovens. Além dessas atividades, podemos destacar as práticas sustentáveis transgeracionais: turismo comunitário, produção artesanal de produtos naturais à base de ervas, fruto dos diálogos com as “meizinheiras” (mulheres que conhecem as artes indígenas e populares de cura). Neste sentido, vão superando as “situações-limite”, ou seja, problemas que evidenciam os limites da ordem social e o potencial humano para superá-los. As situações-limites representam um desafio para o pensamento, “ao permitir reconhecer as determinações sociais de sua atuação e a capacidade dos homens para gerar outras circunstâncias” (CARRILHO, 2013, p. 28).

Destacamos a expansão do trabalho para outras gerações, tendo em vista, a formação do grupo das meizinheiras que teve seu início em 2012. Ele é composto por senhoras da comunidade, mães e avós dos jovens membros do Urucongo. O objetivo é dialogar com os saberes das gerações anteriores, trazendo à cena um saber tradicional dos seus ancestrais, pontencializando a permanência desses saberes na comunidade. O diálogo existente entre os jovens e as meizinheiras trouxe à tona a relação intergeracional e a valorização de um “saber de experiência feito” (FREIRE, 1996). Para os jovens foi importante escutar os mais velhos para iniciar um trabalho que não focasse apenas na questão da ludicidade, mas retomasse as experiências e saberes tradicionais construídos na história do povo local. É um aprendizado que vai se construindo e sedimentando uma cultura de resistência e de defesa de direitos.

Em 2014, o grupo construiu um espetáculo intitulado *Cena Poética*. Este trabalho, viabiliza um diálogo através da poesia e pode ser apresentado em qualquer espaço, seja na rua, seja no palco, nos terreiros, nas trilhas. Nele são expressos poeticamente cenas e acontecimentos do cotidiano histórico, social ou político. A ação valoriza a voz dos sujeitos e tem como objetivo dar visibilidade ao ponto de vista político, ético, sensível, dos acontecimentos em geral, além de ser um trabalho artístico que mobiliza diferentes partes do corpo e diversas áreas artísticas. Desta ideia, surgiu, também, uma atividade intitulada *Café com Poesia que é* desenvolvida juntamente com as atividades de turismo comunitário: as pessoas se encontram, tomam café e recitam poemas seus ou de poetas de sua preferência.

Observando esta linha do tempo, é notória a capacidade de reinvenção do Urucongo e sua capacidade criadora, mesmo em um contexto precarizado, eles não param de se reinventar.

Para finalizar esse diálogo sobre a construção histórica do Urucongo, vamos retomar uma fala de Manoel Leandro: “*O Urucongo pode ser simbolicamente representado por uma Mandala. No centro da Mandala fica o que a sustenta. Na nossa Mandala, o centro é a arte a cultura. Essa Mandala agrega diversos anéis*”.

Além de fortalecerem a luta comunitária os jovens revitalizaram a cultura popular. O grupo ganhou visibilidade na região, e é reconhecido por suas criações artísticas

com teor político. São convidados para diversas atividades culturais na cidade e adjacências. O grupo se afirmou como sujeito histórico coletivo, pertencente a um segmento social diverso e contraditório, ao mesmo tempo oprimidos, mas produtores de cultura e de intensa participação política. Araújo (2017, p, 111) afirma:

O Urucongo é um grupo de arte, dança, música que atua na comunidade com pretensões firmes, incidindo diretamente nas marcas geradas historicamente pelo agenciamento de poder escravocrata-coronelista, provocando saltos nos processos de subjetivação, criando novos universos de referência, produzindo novas territorialidades, modificando a configuração territorial, criando ritornos... além do enfrentamento ao processo de modernização que implementou uma destruição das manifestações culturais da comunidade, modificando costumes, hábitos.

Em suas reflexões sobre o Urucongo, Araújo (2017, p.111) caracteriza o grupo como uma máquina de guerra: “[...] o grupo de Artes Urucongo ocupa-se de maquinações de criação, desviando-se de práticas destrutivas e apenas enfrentando os agenciamentos de poder de modo indireto, evitando choques, conflitos, recuando sob risco”. O Urucongo canta, grita e traz no som dos tambores as vozes dos/as guerreiros/as silenciados/as de muitas gerações. Para Peinha, moradora local e meiseira, o Grupo Urucongo trouxe vida para comunidade, modificou a rotina, trazendo sonhos e esperança. Nobre (2015) afirmou que o Urucongo é uma revolução silenciosa.

3 | POLITICIDADE E EMPODERAMENTO NA PRÁXIS DO GRUPO URUCONGO DE ARTES

Com o Patrono da Educação Brasileira, acreditamos nos homens e mulheres como seres inconclusos, históricos e sociais, homens e mulheres que carregam consigo a vocação ontológica histórica de “ser mais” (FREIRE, 2011). É a partir desta vocação que dialogamos com as práticas de educação popular desenvolvidas no Grupo Urucongo de Artes, também reconhecendo em sua *práxis* uma intenção política e emancipatória. “Ser mais” implica na constante busca pela humanização do homem e da mulher. É o reconhecimento dos seres humanos como seres históricos sociais e inacabados. Para Freire, em uma educação que se diga libertadora, os homens e mulheres necessitam ultrapassar as “situações-limite”, situações postas como barreiras, muros que impedem a passagem para uma nova condição de vida.

A partir do momento em que as pessoas tomam consciência das “situações-limite”, devem apreendê-las e transformá-las em “percebidos destacados”. Ao percebê-las, irão buscar compreender sua razão de ser, não de forma isolada, mas no contexto histórico no qual se insere a situação. Neste sentido, buscarão desenvolver “atos-limite” considerados ações concretas para “a superação e negação do dado, em lugar de implicarem sua aceitação dócil e passível” (FREIRE, 2011, p.125).

Desse modo, “as situações-limite” são impostas, num primeiro momento, como algo dado, mas ao percebê-la, pode ser transformada em “*inédito viável*”, que para

Freire, é algo não claramente conhecido, mas desejado e sonhado. É um possível devir, possível vir a ser, no momento em que os homens e mulheres tornam as “situações-limite” como “percebido destacado”, o sonho de antes pode se transformar em realidade, pois, não veem mais as coisas como algo dado, como algo divino ou imutável e começam a lutar pela sua superação.

No livro *Pedagogia do Oprimido*, Freire convida a uma reflexão sobre os efeitos da “situação-limite”. Para o autor, “não são as “situações-limite”, em si mesmas geradoras de um clima de desesperança, mas a percepção que os homens tenham delas num dado momento histórico, como um freio a eles, como algo que eles não podem ultrapassar” (FREIRE, 2011, p. 126).

Acreditamos ter presente nas atividades dos jovens uma intencionalidade política à medida que buscam desnaturalizar as “situações-limite” ali presentes. Durante toda a pesquisa, surgiram fortemente as tensões existentes pela não propriedade da terra. Por outro lado, as ações desenvolvidas no grupo indicam que há “percebido destacado”. Esse percebido é colocado em cena nas práticas cotidianas: na dança, na poesia, nos diálogos, nas ações desenvolvidas em grupo e/ou individualmente, na busca do “*inédito viável*” de um possível vir a ser. Quando Manoel aponta que dançar significa simbolicamente recuperar a identidade, ele coloca o Uruçongó como possibilidade de identificação com o lugar e a não sujeição as “situações dadas como certas”.

As questões esboçadas nos encaminham a outras reflexões, a saber os desafios postos à educação popular, para dar conta da multiplicidade de interesses dos jovens rurais. Registramos a necessidade do empoderamento dos jovens, como condição de superação das situações-limite a eles impostas. O termo empoderamento tem ganhado destaque nos movimentos sociais e nas lutas pela cidadania a partir do século XXI, embora o seu marco histórico tenha adquirido notoriedade já na década de 1960, na eclosão dos novos movimentos sociais na luta pela superação do sistema de opressão (BAQUERO, 2012). A construção deste conceito, segundo a autora citada, está ligada a duas dimensões: a educativa e a política. Considerando esta ideia, percebemos nos diálogos construídos pelos jovens, o sentido político e educativo das práticas de educação popular desenvolvidas por eles, e o nível de empoderamento individual e coletivo das ações.

Rosely foi enfática ao afirmar que a partir da sua entrada no Uruçongó, oportunizou a olhar com mais criticidade para a realidade. Com base em sua elaboração é possível identificar o processo de empoderamento. Ela relata que a participação no grupo fez com que ela enxergasse o mundo com mais largueza e a ter mais clareza dos seus objetivos pessoais e familiares. Destaca-o como possibilidade de aprendizagens e fortalecimento crítico.

Os estudos de Baquero mostram que no Brasil e na educação este termo é introduzido por Freire e Shor, no Livro, *Medo e Ousadia*. Os autores dialogam com a categoria nos fazendo compreender que empoderamento não é dar poder a alguém, mas a caracterização de ser um eixo de “ligadura” entre a consciência e a liberdade.

Desta feita, o empoderamento resulta de um processo que surge das tramas sociais em que os seres humanos estão envolvidos.

Freire, em diálogo com Shor, aponta uma reflexão importante que é pensar como a questão do empoderamento tem envolvido a classe social e como a classe trabalhadora, “através de suas próprias experiências, sua própria construção de cultura se empenha na obtenção de poder político” (FREIRE e SHOR, 2011, p.188.). Os autores apresentam uma ideia de empoderamento que ultrapassa a visão individualista, e mostram como um ato político de enfrentamento da dominação, e aponta a educação como frente de luta.

Não é apenas a conscientização da realidade suficiente para transformar a realidade social. Para Freire (2011), é necessário após termos tomado consciência da realidade das “situações-limite” procurar buscar “atos-limite” que possibilitem a transformação. Sendo assim, a transformação pode ocorrer após a tomada de consciência, saber a razão de ser dos fatos, e o desenvolvimento de ações políticas de transformação. Os homens e mulheres ao tomarem consciência das situações que impedem seu crescimento pessoal e coletivo podem se preparar com ações - “atos-limite” - para lutar contra as barreiras impostas à humanização.

Interessante ressaltar que não é uma questão linear, a própria tomada de consciência se faz na luta e esta nem sempre tem retorno imediato ou positivo. Não é simplesmente por saber a razão de ser das coisas, que estas serão transformadas imediatamente. As possíveis transformações sociais do trabalho, das ações que os jovens estão desenvolvendo na comunidade hoje, podem nem ser alcançadas por eles.

Partindo dessa premissa, apontamos a seguinte questão: ao tomar consciência das situações-limites como fazer para convidar o povo, a comunidade e os outros jovens à participação? Acreditamos ser o diálogo um fundamento importante para a convocação dos sujeitos para se engajar na luta pela superação das “situações-limite” às quais nos referimos. Não é um diálogo qualquer, de comunicados, é um diálogo na perspectiva libertadora. O diálogo aqui defendido não pode ser caracterizado apenas como uma conversa desobrigada, um ato passivo do homem frente ao mundo. É, antes de tudo, conscientização. Envolve intercomunicação e intersubjetividade. O diálogo defendido por Freire e no qual acreditamos é um diálogo verdadeiro que leva a sério a alteridade. O que tem acontecido historicamente no cenário educacional é no máximo uma sucessão de conversas polarizadas, em que o polo que detém o poder, dita as normas a serem seguidas.

O movimento dos jovens no Urucongo se dá nesta perspectiva dialógica, quando Manoel Leandro afirmou que o Urucongo nasceu da escuta dos seus ancestrais, entendemos que nasceu do diálogo, com os outros, com a cultura, com a identidade local, seus problemas e enraizamentos. Ao dialogar com os moradores mais antigos da comunidade os jovens se encontram com sua identidade e com os desafios que perpassam a história da comunidade rural do Chico Gomes.

Freire afirma que somos seres “programados”, mas não determinados, o que nos leva a crer que somos também seres de possibilidades. São essas possibilidades que nos encaminham a perceber a importância do diálogo no contexto educacional seja ele realizado em instituições escolares ou não escolares, pois “o diálogo é uma exigência existencial” (FREIRE, 2011, p. 109).

É a partir do momento que os jovens assumem uma postura dialógica que conseguem se organizar no desenvolvimento de ações concretas que os ajudem a quebrar as barreiras a eles impostas na busca da construção de uma sociedade mais humana e igualitária.

Manoel Leandro aponta o Urucongo como uma possibilidade dialógica na comunidade. É uma questão relevante, considerando que é um grupo que nasceu da escuta dos seus ancestrais e como retorno apresentaram o diálogo problematizado na cultura. Quem vê não aprecia apenas a beleza da arte, mas percebe as situações que foram destacadas nas cenas, ou poemas resultantes de um processo de escuta.

A experiência estética vivida no Grupo Urucongo de Artes é o que Josso (2010) intitula de “experiência existencial” a envolver o ser em toda sua plenitude. No diálogo, esta experiência se amplia e se consolida. As narrativas dos participantes da pesquisa mostram que há no cotidiano do grupo a busca concreta pelo que Freire (2011) chama de princípios essenciais para uma ação dialógica: *amor, humildade, fé, esperança e o pensar verdadeiro*. Sendo assim, afirma que “[...] não há diálogo se não há um profundo **amor** ao mundo e aos homens. *Não é possível a pronúncia do mundo, que é criação, se não há amor que infunda*” (p. 110). O amor não é aquele amor cego, piegas, descompromissado. Amor é um ato de valentia e coragem, um ato de compromisso com homens e mulheres em seus contextos históricos de luta. Para ele, se há amor entre os homens, as mulheres e o mundo há possibilidade de diálogo.

Pensar dialogicamente é ultrapassar a esfera dos comunicados e estabelecer uma relação de comunicação, pois, não podemos pensar em uma relação de dialogicidade se não respeitamos a autonomia do outro, se, ao contrário, imprimimos ações verticalizadas e ingênuas tendo o mutismo como resposta. Assim como Freire (2011), acreditamos que o diálogo é, portanto, a comunicação de A com B, gerada entre dois polos que buscam a construção de algo, cuja matriz se dá no amor, na esperança, na fé, na confiança e na criticidade.

Na fala dos jovens percebemos sinais de esperança, permitindo um encontro com o terceiro fundamento do diálogo proposto pelo educador nordestino. Para Freire, não é possível dialogar sem uma profunda **fé** nos homens e mulheres como seres históricos, portanto, de transformação. No entanto, ressalta: “[...] não é uma ingênuo fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado” (FREIRE, 2011, p. 112). Assim, ele aposta em uma fé crítica, capaz de impulsionar cada sujeito e cada grupo para ações de transformação da realidade objetiva, pela constante superação de “situações-limite”.

A contribuição do Urucongo para dar visibilidade à comunidade, para que seja vista e entendida como lugar de possibilidades, encontra seus fundamentos num pensar verdadeiro. O quinto fundamento do diálogo, apontado por Freire, encontra-se no **pensar verdadeiro**. Mas o que é o pensar verdadeiro, em um contexto de incertezas e de relativizações? Pensar verdadeiro é um pensar crítico, é a oposição de um pensar ingênuo. Pensar criticamente é problematizar as relações dicotomizadas entre homem- mundo. Pensar dialógica e criticamente é pensar no mundo como processo, e não de forma estática. É refletir sobre as relações verticais e não vê-las como destino certo. Pensar criticamente é não se acomodar à realidade como algo dado, refratário às ao novo. Para Freire (2011, p,115), “somente o diálogo que implica um pensar crítico é capaz de gerá-lo”.

Freire revela que “à nossa cultura fixada na palavra corresponde a nossa inexperiência do diálogo, da investigação da pesquisa, que por sua vez, está intimamente ligada à criticidade democrática” (FREIRE, 2011b, p. 126). O autor adverte que muitas vezes ditamos ideias e não discutimos ideias. Discuti-las faz parte de uma ação dialógica necessária na feitura de qualquer ato, principalmente quando se pretende alcançar um ato político.

Os jovens ao tomarem consciência de sua realidade como “situação-limite” através do diálogo e em permanente processo de empoderamento impõem “atos-limites” que permitem rediscutir e problematizar esta realidade. Assim, eles estão agindo politicamente para transformar algo que aparentemente parecia certo. A apreensão da realidade faz com que os jovens problematizem a partir de ações criadoras como a dança, a poesia, ou seja, buscam a potencialidade da arte para fazer a denúncia, o que a nosso ver se caracteriza como um ato político. Neste sentido, que significado tem as atividades de educação popular desenvolvidas pelos/as jovens do Grupo Urucongo de Artes? A fala apontada por Manoel Leandro parece trazer algumas luzes: [...] *nós pensamos em fazer um trabalho que sirva para formar e transformar, que pudesse transformar as pessoas e pudesse transformar também a comunidade.*

Partimos da premissa de que as atividades de educação popular para os jovens são palavras autênticas que resultam em um diálogo criativo e criador com os sujeitos envolvidos. É considerado um ato multifacetado: é artístico, é poético e é político. Falar sobre politicidade em Freire é considerar homens e mulheres como seres de capacidade, é acreditar nos homens e nas mulheres como seres inacabados capazes de lutar para compreender e transformar a realidade. Sujeitos históricos engajados na luta pela humanização.

Os jovens do Grupo Urucongo de Artes apostam na problematização e põem na arte o diálogo que foi gerado a partir das inquietações, dúvidas e incertezas sobre as questões sociais a eles apresentados de forma naturalizada. É a maneira que encontraram de assumir e se posicionarem frente aos desafios impostos a eles e à comunidade na qual estão inseridos. Eles estimulam a reflexão e protagonizam através de práticas de educação popular que permitem um novo pensar sobre as reais razões

de ser das coisas. O próprio Freire (2011) releva que no ato político a nossa presença no mundo não deve ser neutra e que devemos usar toda nossas possibilidades, para não só falar sobre a nossa utopia, mas ser capaz de ser coerentes com elas.

Os jovens têm um papel político importante na comunidade uma vez que começam a questionar e problematizar as relações de subalternidade. O papel de um ato político é realmente perguntar sobre o porquê das coisas. Por não termos aprendido a perguntar, ficamos imobilizados diante dos fatos e feitos dominantes, pois “a reprodução da ideologia dominante implica, fundamentalmente, a ocultação de verdades, a distorção da razão de ser de fatos que, explicados revelados ou desvelados, trabalhariam contra os interesses dominantes [...]” (FREIRE, 2014, p. 115). É muito mais fácil trabalhar a favor da ocultação da realidade, ou seja naturalizar os problemas, do que lutar contra a desocultação de uma determinada realidade. Embora não seja uma tarefa fácil essa da desmistificação da realidade, também não é impossível. Acreditamos que a decisão de trabalhar contra ou a favor da desocultação da realidade é coerente com a opção política de quem a faz.

A “curiosidade epistemológica” que anima a ação dos jovens aqui tratados, leva-os a não considerarem suficiente conhecer os ritmos e os instrumentos musiciais, mas a buscarem sua história e o modo de fabricá-los. Não se trata de um mero fazer, mas de *práxis*, ou seja, de uma atividade humana em que teoria e prática se articulam. Para Vázquez (2007) *práxis* é a interação da teoria, ideia, pensamento com a prática que se autoalimenta na ação, podendo gerar novas ações. De acordo com o autor, “a atividade teórica apenas transforma nossa consciência sobre os fatos, nossa ideia sobre as coisas, mas não as próprias coisas” (VÁZQUEZ, 2007, p. 239). Desse modo, *práxis* é um exercício constante de ação-reflexão-ação, é a teoria e a prática imbricadas num movimento constante.

Somente a partir de uma base falsa pode-se pensar na separação entre uma e outra. Para Carvalho e Pio, (2017, p, 433) “a descoberta não pode se dar apenas no campo da consciência, mas também não poderá acontecer exclusivamente pela prática/ação, correndo o risco de se tornar ativismo puro”. *Práxis* é síntese dialética entre teoria- palavra e ação. Para Rossato (2010, p. 325) a *práxis* implica em teoria ou em “[...] um conjunto de ideias capazes de interpretar um dado fenômeno ou momento histórico, que, num segundo momento, leva a um enunciado, em que o sujeito diz a sua palavra sobre o mundo e passa a agir e transformar esta mesma realidade”.

A *práxis*, na realidade, tem uma estreita relação com o papel da educação em seu sentido mais humanizador, por isso não podemos pensar em *práxis*, sem ligar ao diálogo, à busca, à ação e à reflexão. A *práxis* exige atuação em seu sentido mais real, à medida que se interpreta a realidade, busca-se a partir dela uma ação que objetive transformar a realidade analisada. Entendemos que há intencionalidade *práxis* nas atividades dos jovens uma vez que partindo da escuta, apresentam uma ação interpretada, fazendo com que as pessoas pensem o seu estar no mundo em condições históricas. Carvalho e Pio (2017, p 433) assinalam que para se libertar

é necessário que os homens e mulheres reconheçam as suas necessidades e os “complexos que formam as relações sociais.

4 | CONCLUSÕES

A pesquisa evidenciou que os jovens da comunidade rural do Chico Gomes procuram desenvolver estratégias de lutas e buscam na arte uma via de comunicação e resistência. As ações desenvolvidas pelos jovens são práticas de educação popular que potencializam o processo de formação e empoderamento de si e de seus pares. A pesquisa também possibilitou refletir sobre os lugares de aprender e de ensinar mediados pelo trabalho coletivo. Mostrou, ainda, que existem juventudes rurais comprometidas com seu território e com a preservação de sua cultura e que nem todos/as os/as jovens querem sair do campo

Colaborativamente buscamos sistematizar um projeto pensado e realizado por jovens rurais. As estratégias metodológicas utilizadas constituíram-se em experiência formadora, uma vez que permitiram um balanço da caminhada do Grupo, abrindo novas perspectivas para a ação e formação de seus membros

A partir do trabalho desenvolvido a comunidade do Chico Gomes ganhou visibilidade. Essa realidade permitiu que as pessoas que lá se encontram começassem a valorizar seu lugar, olhar para dentro, vê o campo como possibilidades, desmitificando a ideia de que o campo não é um lugar bom para morar. A partir das ações juvenis, foi possível perceber que houve o levantamento da autoestima, não só da juventude como também das pessoas mais idosas como, por exemplo, das meisinheiras. Desde modo, é um grupo de jovens que vem promovendo o empoderamento de si e de seus pares. Contudo, vale sublinhar, que esta ainda não é uma realidade assumida para todos/as os/as moradores/as da comunidade. Mas reconhecemos que o trabalho juvenil é um trabalho que apresenta uma sensibilidade social que tende a se ampliar.

A análise das falas produzidas permitiu inferir que os jovens desenvolvem atividades intencionais - *práxis* política - que caminha não só para o desvelamento da realidade, mas da sua superação. A *práxis* a qual defendemos: “Supera a ideia posta pela consciência ingênua que considera as coisas por si mesmas à margem de toda atividade humana, que nega a ideia do esvaziamento da consciência política, e não reduz a ideia do prático utilitário (NASCIMENTO 2014, p. 67). Portanto, a *práxis* exige intencionalidade e não aceita passividade diante dos fatos.

Os jovens sabem que têm muitos desafios pela frente. Um deles é problematizar o acesso à terra, já que esta é uma questão histórica na vida da comunidade, o que inviabiliza ações que possam melhorar as condições de vida. Porém, o principal está edificado: a crença no trabalho coletivo e a consolidação da cultura que afirma o direito de lutar por direitos.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de A. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 2000.

ARAUJO, Yure Emanuel de Melo Feitosa. **Experimentações de um cartógrafo com sua bicicleta: entre acidentes na estrada e afirmações da vida nos terreiros da comunidade Chico Gomes (CE)**. 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Agrárias e Biodiversidade, Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável, Universidade Federal do Cariri Crato, 2017.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
BOURDIEU, Pierre. **Esboço de Auto-análise**. Tradução de Sérgio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BUARQUE, Cristovam. **Uma ideia de universidade**. Brasília: UnB, 1986.

CALDART, Isabel Brasil Pereira et al (orgs). **Dicionário de Educação do Campo**. 2 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venácio, Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. **Sem Terra com Poesia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

CARRILHO, Afonso Torres. A Educação Popular como Prática Política e Pedagógica Emancipatória. In: STRECK, Danilo e ESTEBAN, Maria Teresa.(orgs) **Educação Popular: lugar de construção Social e Coletiva**. Petrópolis: Vozes, 2013.

CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de e PIO, Paulo Martins. A categoria da práxis em Pedagogia do Oprimido: sentidos e implicações para a educação libertadora. **Rev. Bras. Estud. pedagog.**, Brasília, v. 98, n. 249, p. 428-445, maio/ago. 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: Freire, Ana Maria de Araújo**. 1ª ed. Paz e Terra. 2014.

FREIRE, Paulo e SHON, Ira. **Medo ousadia: o cotidiano do professor**. Trad. Adriana Lopes, 13ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

JOSSO, Marie-Cristine. **Experiência de Vida e Formação**. 2ª ed. Ver. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

NASCIMENTO, Ana Maria do. **O Estágio Curricular Supervisionado no Curso de Pedagogia: diálogo entre escola e universidade à luz de Paulo Freire**. 2014. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

NASCIMENTO, Ana Maria do. Fortaleza: NASCIMENTO, Ana Maria do. **Urucongô de Artes: os Sentidos das Experiências de Educação Popular para Jovens Rurais**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2018.

Universidade Federal do Ceará, 2018. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2018.

NOBRE, Francisco Wilirian. **Baixio das Palmeiras. Apontamentos geográficos, culturais e historiográficos.** Juazeiro do Norte: BSG, 2015.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. O Círculo reflexivo biográfico como espaço privilegiado para a reflexão sobre a experiência religiosa espiritualizante. In: OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Artes do Fazer.** Fortaleza: Ed. UFC, 2010.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Grupo Fantasia:** esperança, responsabilidade e alegria. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates:** jovens, trabalho e futuro. Ambar, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. (Org.) **Didática e Formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ROSSATO, Ricardo. Índice remissivo. In: **Dicionário de Paulo Freire.** STREK, R. Danilo e REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José.(orgs). 2. Ed, ver.amp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do Tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da Práxis.** São Paulo: Expressão Popular, 2007

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-293-7



9 788572 472937